

# «UMA POBRE PECADORA COMO EU»

Retiro online Quaresma 2025 - Teresa de Lisieux e o mistério pascal

## Evangelho de Jesus Cristo segundo S. João (Jo 8,1-11)

Jesus foi para o Monte das Oliveiras. Mas, ao amanhecer, foi de novo ao templo, e o povo todo ia ter com Ele. E Ele, depois de Se ter sentado, pôs-se a ensiná-los. Os doutores da lei e os fariseus levaram, então, uma mulher apanhada em adultério e, colocando-a no meio, disseram-Lhe: «Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. Na Lei, Moisés ordenou que apedrejassemos tais mulheres. Ora, Tu que dizes?». Diziam isto para o porem à prova e para terem com que o acusar. Mas Jesus inclinou-se e pôs-se a escrever com o dedo na terra. Como insistiam em interrogá-lo, levantou-se e disse-lhes: «Quem de entre vós estiver sem pecado seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra». E, inclinando-se de novo, continuou a escrever na terra. Eles, porém, quando ouviram isto, foram saindo, um após outro, a começar pelos mais velhos, deixando-O sozinho com a mulher que continuava ali no meio. Jesus levantou-Se e disse-lhe: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?». Ela respondeu: «Ninguém, Senhor». Disse-lhe Jesus: «Nem Eu te condeno. Vai, e a partir de agora não voltes a pecar».

## Da miséria à misericórdia...

O Evangelho da mulher adúltera é próprio de João, é uma passagem muito esclarecedora sobre a Pessoa de Jesus, sobre o Seu ensinamento. Sabemos que este texto não fazia parte do primitivo Evangelho de João. Foi acrescentado mais tarde, mas o seu carácter canónico é incontestável. A narrativa tem um cunho disruptivo, terá provavelmente assustado, pela sua abertura, certos responsáveis da Igreja inicial. O adultério era considerado um dos raros pecados para os quais era necessária uma penitência pública e que só se podia remir uma vez na vida. O comportamento de Jesus para com a mulher adúltera terá parecido, a alguns, de uma indulgência excessiva, face à infidelidade conjugal.

Segundo era Seu hábito quando vinha a Jerusalém, Jesus sentado na esplanada do Templo, põe-se, desde a aurora, a ensinar os que O rodeiam. É interrompido por um grupo de escribas e fariseus que empurram diante deles uma mulher apavorada e a colocam no centro, à vista de todos.



«Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. Na Lei, Moisés ordenou que apedrejassemos tais mulheres. Ora, Tu que dizes?»

Fingindo reconhecer em Jesus um mestre e pedindo a Sua opinião, os escribas e os fariseus têm vista um objetivo preciso, explicitado no Evangelho. Encerram Jesus num dilema, uma armadilha, destinada a prejudicá-Lo. Se Jesus respeitasse a Torah, negaria a Sua misericórdia para com os pecadores; se Jesus mantivesse a Sua misericórdia, então violaria a Torah. Esta maneira de utilizar a Torah é perversa, porque uma tal aplicação tende a perder o ser humano (aqui a mulher e Jesus) em vez de o salvar, tornando a ligá-lo a Deus. Há outra razão pela qual Jesus não pode aceitar a lapidação: é que, naquele tempo, só a autoridade romana tinha o direito de infligir a pena de morte.

A resposta de Jesus é dada em dois tempos. Primeiro que tudo, expressa-se num gesto: Jesus baixa-se, escreve na Terra, sem olhar para ninguém, como que absorto nos Seus pensamentos. Pelo silêncio e pela Sua atitude, assinala que Se apercebeu das intenções dos Seus opositores e que Se recusa a entrar no jogo deles. É necessário discernir, no comportamento de Jesus, uma clara rejeição a abordar a questão da forma que os Seus adversários pretendiam. No entanto, no segundo momento de resposta, perante a insistência dos Seus interlocutores, que se começam a enervar, Jesus, depois de Se ter levantado, dirige-lhes esta maravilhosa palavra: «Quem de entre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra». Esta resposta apoia-se num preceito da Lei, no Deuterónimo 17,7: «As mãos das testemunhas serão as primeiras a levantar-se contra ele para lhe dar a morte e, por último, as mãos do povo». Mas de facto Jesus reinterpreta esta prescrição: só tem esse direito, quem estiver sem pecado. Aquele que exige uma aplicação rigorosa da Lei deve, igualmente, aplicá-la a si mesmo. Jesus coloca os escribas e os fariseus diante da sua própria condição de pecadores. Assim, o acusador descobre que, por sua vez, transgride a Lei e, de acusador, transforma-se em acusado e, assim, deixa de ter legitimidade para condenar o próximo!

Baixando-Se novamente e voltando a escrever na Terra, Jesus sublinha que a Sua decisão não tem apelo e que já não há mais nada a debater. «Eles, porém, quando ouviram isto, foram saindo, um após outro, a começar pelos mais velhos». A saída dos acusadores simboliza a sua desistência, o facto de terem sido derrotados. Um a um, a começar pelos mais velhos e mais respeitados - visto que estamos no Oriente - retiram-se, cada um deles descobrindo que também está em situação de pecado e, por isso, não tem condições para julgar outrem.

Permanecem dois naquela cena: a mulher e Jesus, a miséria e a misericórdia. Jesus torna a levantar-Se e dirige-Se à mulher pela primeira vez: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?». Jesus diz: «mulher» e, na Sua boca, é sempre uma palavra de respeito. É a palavra que Ele emprega para a samaritana e até para a Sua Mãe, Maria, em Caná e na Cruz. Jesus também não a condena, mas convida-a a escolher um novo caminho de vida. O verdadeiro motor da sua conversão, tal como para nós a todas as horas da nossa vida, será recordar-se da bondade de Jesus. A palavra final de Jesus não é laxista, o que significaria admitir o adultério; pelo contrário, constitui um apelo a viver, de agora em diante, na fidelidade. A Torah não tem como objetivo conduzir à morte, mas à vida. A misericórdia divina é maior que o pecado do Homem.

Se ainda nos sentimos tão longe de Jesus, talvez seja por que não nos apercebemos ainda até que ponto somos amados. Se continuamos a ter medo de nos dar a Ele tais como somos, é sinal de que ainda não acreditamos na Sua misericórdia.



## Teresa: A «pequena imperfeita»

Apesar de Teresa do Menino Jesus e da Santa Face não ser uma grande pecadora, ela exaltou, ao longo da sua curta vida de Carmelita, a misericórdia de Deus na qual acreditou inteiramente.

«Uma pobre pecadora como eu»: estas palavras, que se encontram numa carta de Teresa (224 1v<sup>o</sup>), de 25 de abril de 1897, ao Padre Maurice Bellière, não são dela, mas da Bem-Aventurada Margarida Maria Alacoque (1647-1690), a célebre Visitandina de Paray-le Monial, que beneficiou das aparições de Jesus, que lhe mostrou o Seu Coração «ardente de amor» pelos Homens. Nesta carta, Teresa escreve:

*«meu querido irmãozinho, a minha pena, ou melhor, o meu Coração recusa-se a chamar-vos daqui em diante «reverendo Padre», e a nossa boa Madre [M. Maria Gonzaga, a priora] disse-me que podia usar, ao escrever-vos, o nome que emprego sempre que falo de vós a Jesus. Parece-me que este Divino Salvador Se dignou unir as nossas almas para trabalharmos na salvação dos pecadores, como outrora uniu os do Venerável P. de la Colombière e da Bem-Aventurada Margarida Maria. Li ultimamente na vida desta santa: “Um dia em que me aproximava de Nosso Senhor para o receber na Sagrada comunhão, ele mostrou-me o seu Sagrado Coração como uma fornalha ardente e dois outros corações (o dela e o do P. de la Colombière) que iam unir-se e mergulhar no d’Ele, dizendo-me: é assim que o meu puro amor une estes três corações para sempre. Fez-me ainda compreender que esta união era para glória sua e que por isso, queria que fôssemos como irmão e irmã, igualmente participantes dos mesmos bens espirituais. Nessa altura, como eu apresentasse a Nosso Senhor a minha pobreza e a diferença que havia entre um padre de tão grande virtude e uma pobre pecadora como eu, disse-me Ele: “As riquezas infinitas do meu Coração suprirão tudo e igualarão tudo”.» Meu Irmão, talvez a comparação não vos pareça correta? É certo que vós não sois ainda um P. de la Colombière, mas não duvido que um dia sereis, como ele, um verdadeiro apóstolo de Cristo. Pela minha parte, não me vem, nem por sombras, ao espírito, a ideia de me comparar com a Bem-Aventurada Marg. Maria; verifico simplesmente que Jesus me escolheu para ser a Irmã de um dos seus apóstolos e as palavras que a santa Amiga do seu Coração lhe dizia por humildade, repito-lhas eu com toda a verdade; por isso, espero que as suas riquezas infinitas supram tudo o que me falta para realizar a obra que Ele me confia».*

Podemos, ao reler este excerto da carta, considerar quanto Teresa era simultaneamente audaciosa, humilde e verdadeira na relação com os outros, aqui com o Padre Bellière e, primeiro que tudo com Deus, evidentemente. Está convencida de ter uma missão neste mundo e, aqui, refere-se a ser a irmã de um apóstolo e, apesar da sua fraqueza, dos seus limites, que ela bem conhece, exercita as virtudes da fé, da esperança e do amor, que recebeu. Na mesma carta, escreveu:

*meu querido irmãozinho, devo confessar-vos que, na vossa carta, há uma coisa que me causou pena: é que não me conheceis como eu sou na realidade. É verdade que, para encontrar almas grandes, é preciso vir ao Carmelo; tal como nas florestas virgens, nele germinam flores de um perfume e de um brilho desconhecidos do mundo. Jesus, na Sua misericórdia, quis que, entre essas flores, crescessem outras mais pequenas - nunca poderei agradecer-lhe o suficiente - pois é graças a esta condescendência que eu, pobre flor sem brilho, me encontro no mesmo canteiro que as rosas, minhas Irmãs. Ó meu Irmão, peço-vos que acrediteis em mim, Deus não vos deu como Irmã uma grande alma, mas uma muito pequenina e muito imperfeita».*



E Teresa, que faz então alusão à enfermidade que a iria levar, (no dia 30 de setembro seguinte) e que continuava o seu curso inexorável, vai mais longe ainda no desvelar da sua alma, manifestando simultaneamente uma grande confiança e uma verdadeira liberdade em relação ao seu destinatário, o Padre Bellière:

*«Não julgueis que é a humildade que me impede de reconhecer os dons de Deus. Sei que Ele faz em mim grandes coisas e canto-Lhe todos os dias com alegria. Lembro-me de que aquele a quem mais se perdoou mais deve amar, por isso, procuro fazer da minha vida um ato de amor e já não me inquieto por ser uma alma pequenina, pelo contrário, até me regozijo com isso. Essa é a razão pela qual ousou esperar que «o meu exílio seja curto»; mas não é que esteja preparada; sinto que nunca o estarei, se o Senhor não Se dignar transformar-me n'Ele mesmo; pode fazê-lo num instante; depois de todas as graças com que me cumulou, espero mais essa, da Sua misericórdia infinita. Dizéis-me, meu irmão, que peça para vós a graça do martírio; esta graça, supliquei-a muitas vezes para mim, mas não sou digna dela e posso dizer, verdadeiramente, com S. Paulo: Não é obra daquele que a pretende nem do que corre, mas de Deus, que usa de misericórdia. Visto que o Senhor parece não querer conceder-me senão o martírio do amor, espero que Ele me permita alcançar, por meio de vós, a outra palma que ambicionamos*

. É provável que o Padre Bellière não tenha compreendido, nessa altura, tudo o que Teresinha lhe confiava. Mas não teve importância: ele retirou dos seus escritos a força e o encorajamento suficientes para continuar o seu caminho.

Ao fim de pouco mais de um mês, no dia 28 de maio, Teresa, numa carta à Madre Inês (Cta 230), reconheceu que não agiu muito bem para com uma Irmã, apesar de querer ser virtuosa. Vem-se a perceber que esta Irmã foi ter com Teresa para reconhecer as suas próprias falhas. Teresa fica muito emocionada com isso e escreve:

*«Ao entrar na nossa cela, perguntava a mim mesma o que Jesus pensaria de mim; logo me lembrei destas palavras que Ele dirigiu um dia à mulher adúltera: «Alguém te condenou?...» E eu, com as lágrimas nos olhos, respondi-lhe: “Ninguém, Senhor... Nem a minha Mãezinha, imagem da vossa ternura, nem a minha Ir. S. João B., imagem da vossa justiça, e sinto mesmo que posso ir em paz, porque vós também não me condenareis!...”»*

*Também nós todos, com Teresa e com a mulher adúltera, somos convidados a escutar e a acreditar no que o Senhor nos diz sem cessar: «Nem Eu te condeno. Vai, e a partir de agora não voltes a pecar».*

Frei Robert Arcas,  
ocd (convento d'Avon)





### Segunda-feira, 7 de abril: O caminho da Salvação

«...Ele não faz milagres sem antes ter experimentado a sua fé. Não deixou Ele morrer Lázaro, apesar de Marta e Maria Lhe terem mandado dizer que estava doente?... (...) Mas depois da provação, (...) Lázaro ressuscita!» (Ms A 67vº)

«Eu já sabia que sempre me atendes, mas Eu disse isto (...) para que venham a acreditar...» (Jo 11,42)

Renova a tua confiança em Deus na prova, sabendo que Ele atua para fortalecer a tua fé.



### Terça-feira, 8 de abril: Deixar que Ele nos guie

«Pedia a Jesus que me quebrasse as amarras. Ele quebrou-as, mas de uma maneira muito diferente da que eu esperava...» (Ms A 67vº)

«Desligai-o e deixai-o andar» (Jo 11,44)

Através da oração, tomo um tempo para acolher a Sua Palavra e permaneço confiante para que Ele me ajude a discernir.

### Quarta-feira, 9 de abril: Permaneça no Amor

«Embora não tenha o gozo da Fé, procuro, pelo menos realizar as obras dela» (Ms C 7rº)

«De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras da fé?» (Tg 2,14)

Que posso fazer junto do meu próximo para o amar? Estou do lado da crítica e do julgamento ou no da ternura e da paciência?



### Quinta-feira, 10 de abril: Unidos em Jesus Cristo

«Como amou Jesus os Seus discípulos e por que os amou? (...) Jesus chama-lhes seus amigos, seus irmãos (...) Para lhes abrir o Reino [de seu Pai], quer morrer numa cruz...» (Ms C 12rº)

«Ninguém tem maior amor do aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15,13)

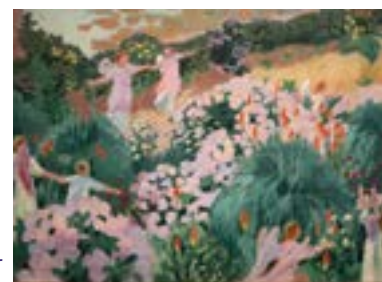
Hoje, façamos um ato concreto de entrega pessoal, seja através de uma escuta atenta, de um serviço prestado, seja através de um perdão oferecido. Amar como Jesus é escolher dar-se aos outros sem esperar nada em troca.

### Sexta-feira, 11 de abril: Bem-Aventurados os pobres de coração

«... Compreendi que a única coisa necessária era unir-me cada vez mais a Jesus e que o resto me seria dado por acréscimo. Com efeito, nunca a minha esperança foi iludida...» (Ms C 22vº)

«Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo mais se vos dará por acréscimo» (Mt 6,33)

Meditando nas Bem-Aventuranças (Mt 5,1-12), tomo um tempo de oração para me deixar amar por Jesus Cristo.



### Sábado, 12 de abril: A Caridade

«A Fé em breve rasgará o seu véu/ A minha Esperança é ver-Te um dia/ A Caridade enche e impele a minha vela/ Vivo de Amor!...» (P 17, 9)

«Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor» (1Co 13,13)

A caridade cristã é o amor incondicional e desinteressado que Deus nos oferece e nós somos chamados a viver para com o nosso próximo. É a maior das virtudes teológicas.